

# A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MODALIDADES PARADESPORTIVAS AUXILIANDO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

*THE PARA SPORTS UNIVERSITY EXTENSION AS AN USEFUL TOOL DURING THE PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL FORMATION: THE STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS' CASE*

Luís Gustavo de Souza Pena

Tiago Borgmann

José Júlio Gavião de Almeida

*Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil*

## Resumo

O artigo buscou analisar a opinião de alunos de graduação em Educação Física em projetos de extensão em modalidades paradesportivas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 alunos de graduação e pós-graduação, da Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas. Os resultados mostram que os acadêmicos consideram a participação no projeto de extensão importante, caracterizando oportunidade de prática e contato com a comunidade e acreditam que suas modalidades possam ser trabalhadas em outros ambientes, com outros personagens. Sugerem-se outros estudos abordando diferentes alternativas extracurriculares, para que realidades que poderão influenciar a prática sejam analisadas.

**Palavras-chave:** Educação Física. Formação de Recursos Humanos. Esporte Adaptado. Extensão Universitária.

## Abstract

This article is a part of a master grade dissertation and analyzed the opinion of Physical Education students participation in extension projects, during the professional formation. Were conducted 10 semi-structured interviews with 10 graduation and post-graduation students, from Physical Education Faculty, of State University of Campinas. The results showed that the students considered the participation important, featuring an practical and community contact opportunity and believe that their sports can be worked in other places, with different participants. It suggested that other studies address different extracurricular alternatives, that influent realities upon the practical attitudes can be analyzed.

**Keywords:** Physical Education. Human Resources Formation. Paralympic Sports. University Extension.

## 1 Introdução

O presente artigo é parte de uma dissertação de mestrado que buscou analisar diferentes abordagens do esporte adaptado na formação do profissional de Educação Física. Dentre os ambientes pesquisados, a extensão universitária aparece como forma de prática e aprofundamento dos conteúdos trabalhados durante o período das aulas.

O profissional de Educação Física deve possuir saberes adquiridos através da teoria e da prática. Uma formação adequada é capaz de equilibrar esses dois fatores; de modo a suscitar no estudante reflexões acerca da intervenção e planejamento de atividades, auxiliando na construção de competências que possibilitarão uma atuação profissional qualificada, já que, muitas vezes, apenas a vivência em sala de aula não é suficiente para contemplar todas as reflexões necessárias para a aquisição desses saberes.

Apesar de a maioria das disciplinas oferecer carga horária teórica e prática, em algumas ocasiões, podem ser necessárias vivências extracurriculares para que esse conhecimento possa ser melhor compreendido. Um dos conteúdos que necessita ser abordado de maneira mais profunda é o esporte adaptado, pois tanto na licenciatura como no bacharelado, caracteriza um importante campo de atuação para o profissional de Educação Física, seja como ferramenta pedagógica na Educação Física Escolar, seja no treinamento de alto rendimento.

Devido a sua recente inserção nos currículos de Educação Física (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004), dependendo do curso, ainda não há uma disciplina específica para esse conteúdo, sendo abordado como parte de outras disciplinas na área da Atividade Física Adaptada. Em cursos que contemplam essa disciplina, podem ser aprofundados conhecimentos sobre as modalidades e suas particularidades, como as deficiências específicas e processos de classificação funcional, além de abordagens do ponto de vista sociológico e pedagógico.

O papel da universidade é formar profissionais prontos para atender às demandas sociais, dentre as quais está a maior participação de pessoas com deficiência em ambientes de ensino, seja ele formal ou não-formal. A partir da LDB 9394/96, as escolas estão buscando estratégias para a inclusão de alunos com deficiência. Portanto, todos os profissionais da área da Educação devem estar preparados para atender a essa demanda.

Contudo, além da escola, as pessoas com deficiência procuram práticas corporais em outros ambientes, como academias, clubes, associações especializadas ou associações esportivas. O esporte paralímpico, como conteúdo da área da Atividade Física Adaptada é importante de ser trabalhado, pois caracteriza a principal prática corporal para pessoas com deficiência.

Além disso, assim como toda manifestação esportiva, o esporte paralímpico possui diversas vertentes, não apenas visando o alto rendimento, podendo ser trabalhada a iniciação esportiva, opção de lazer, ou ainda, como ferramenta pedagógica nas aulas de Educação Física. Somados os valores inerentes ao esporte, como cooperação, respeito às regras, autonomia, o esporte paralímpico traz outros valores como o respeito às diferenças e igualdade.

O esporte paralímpico evoluiu muito nos últimos anos, tornando-se uma importante área de trabalho para o profissional de Educação Física. Os processos de iniciação esportiva, treinamento, classificação e gestão esportiva devem ser compreendidos para que o profissional em formação possa lidar com qualidade com essas questões na sua atuação.

Após vários pareceres e resoluções, atualmente, os cursos de Educação Física são obrigados a oferecer carga horária de vivência prática. Para os cursos de licenciatura, essa prática se dá através de experiências no ambiente escolar, e no bacharelado poderiam ser vivências em modalidades esportivas ou atuando em projetos de extensão. A prática em modalidades esportivas auxilia no processo de construção de conhecimentos tal como o conhecimento pedagógico (MARCON; NASCIMENTO; GRAÇA, 2007).

Alternativas extracurriculares podem ser ferramentas úteis na aquisição de competências sobre o esporte paralímpico. Uma dessas alternativas pode ser os projetos de extensão, que proporcionam oportunidade de atuação profissional junto à comunidade no espaço da universidade. Essa oportunidade de contato com a comunidade é positiva na formação de profissionais na área da Educação (FONSECA et al., 2000); e com a Educação Física não é diferente, podendo ser um importante espaço de vivência de modalidades esportivas, já que muito do aprendizado se dá a partir da prática.

A extensão universitária se tornou obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior a partir da Lei 5540/68. Além disso, caracteriza um espaço de contato com a comunidade, facilitando a articulação de saberes e formação crítica, proporcionando conhecimento adequado para o futuro profissional conseguir lidar com situações que vão além do conhecimento técnico-específico das disciplinas (ARROYO; ROCHA, 2010).

Desde 1987, existem projetos de extensão na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que oferecem modalidades esportivas para pessoas com deficiência. Ao longo dos anos, foram realizadas práticas esportivas atendendo todas as deficiências, visual, física, intelectual e auditiva. Dentre as modalidades praticadas, podem ser citadas o atletismo, natação, lutas, esportes na natureza, futebol.

Atualmente é oferecido o handebol em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, bocha paralímpica e voleibol sentado. Em todas elas, alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física participam do planejamento e execução das atividades, além de jogarem junto com os atletas, auxiliando no crescimento das modalidades.

Dessa forma, o objetivo desse estudo foi analisar a opinião de alunos de graduação em Educação Física em projetos de extensão em modalidades paradesportivas, através de suas reflexões sobre essa vivência e especificidades de cada modalidade.

## 2 Método

Este trabalho caracteriza um estudo de caso, onde houve um detalhamento do projeto de extensão da FEF/Unicamp, já que, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), o estudo de caso não é somente estudo de um indivíduo, mas também de instituições, organizações, comunidades ou programas.

Foram entrevistados 10 alunos de graduação em Educação Física e que participaram do projeto de extensão, como monitores, no período entre o segundo semestre de 2011 e o segundo semestre de 2012, por pelo menos, durante um semestre. Ao longo desse período, eles puderam ter contato com as regras e fundamentos básicos de cada modalidade, participar do planejamento e execução das atividades, além de jogar com atletas com deficiência física.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Maiores informações sobre amostra, idade, período do curso, habilitação e modalidade trabalhada, estão expostas na Tabela 1.

Sujeito	Sexo	Idade (anos)	Período do curso (sem.)	Habilitação	Cursou a disciplina Esporte Adaptado	Modalidade
A	F	22	6º	Bacharelado	Sim	VS
B	F	18	2º	Comum	Não	VS
C	F	20	2º	Comum	Não	VS
D	F	19	2º	Comum	Não	VS
E	F	21	6º	Bacharelado	Sim	ECR
F	M	22	7º	Bacharelado	Sim	RCR
G	M	22	9º*	Bacharelado	Sim	ECR
H	F	22	9º*	Bacharelado	Sim	HCR e VS
I	M	24	12º*	Licenciatura	Sim	RCR
J	M	23	10º	Licenciatura	Não	BP

Tabela 1 – Caracterização da amostra quanto ao sexo, idade, período do curso, habilitação, disciplina de Esporte Adaptado cursada e modalidade envolvida.

Legenda: Sem. = semestre; F = feminino; M = masculino; VS = voleibol sentado; ECR = esgrima em cadeira de rodas; HCR = handebol em cadeira de rodas; RCR = rúgbi em cadeira de rodas; BP = bocha paralímpica; \* = reingresso.

Fonte: Elaboração própria.

Na Universidade Estadual de Campinas, o aluno de Educação Física cursa os dois primeiros anos em um núcleo comum, por isso as acadêmicas que estavam no segundo semestre do curso, ainda não haviam optado pela licenciatura ou bacharelado. Além

disso, após finalizar uma habilitação há a possibilidade de reingressar e cursar a outra habilitação, portanto os alunos do reingresso já haviam cursado outra habilitação.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, e as perguntas foram divididas em três eixos principais: 1) primeiros contatos; 2) principais motivações em participar do projeto, principais contribuições do projeto na formação profissional; e, 3) especificidades de cada modalidade. O roteiro foi elaborado pelos próprios autores da pesquisa.

Foi realizado um estudo piloto, de forma a refinar os instrumentos da pesquisa e habituar o pesquisador na utilização desses instrumentos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007). Foram entrevistados dois monitores do projeto. Inicialmente havia 10 questões para a realização das entrevistas e, após o estudo piloto, chegou-se na versão final com sete perguntas.

As entrevistas foram realizadas individualmente, no Laboratório de Atividade Motora Adaptada (LAMA), na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), conduzidas pelo mesmo pesquisador. A duração média do tempo das entrevistas foi de 10 minutos e o áudio foi gravado.

Os dados foram analisados a partir da transcrição integral das entrevistas e, para a análise das respostas, foi utilizada a análise de conteúdo, do tipo categorial (BARDIN, 2011), através de categorizações e agrupamento de conteúdos comuns, levando em consideração as afirmações dos sujeitos e o contexto em que estavam inseridas, atentando-se a frequência de determinados elementos no texto (MARCONI; LAKATOS, 2000; MINAYO, 2004; GIBBS, 2009).

### **3 Resultados e discussão**

A partir das respostas dos alunos, foi possível observar as seguintes categorias: conhecimento do projeto, motivações para a participação no projeto, contribuições e especificidades das modalidades. A análise das respostas, a seguir, levou em consideração cada tópico mencionado.

#### **3.1 Primeiros contatos com o projeto e principais motivações**

Segundo as respostas das entrevistas, os acadêmicos conheceram o projeto de diversas maneiras. Desde convites feitos durante disciplinas de estágio, até o interesse a partir da observação das atividades, na faculdade, passando pela participação em eventos paradesportivos. Isso caracteriza um relativo fácil acesso às modalidades, dependendo apenas do interesse do acadêmico em participar em determinada modalidade. De acordo com os acadêmicos, é importante conhecer todas as atividades que acontecem

na faculdade, para poderem ter a oportunidade de realizar vivências na área, ajudando na aquisição de saberes e competências práticas e na escolha da atuação profissional.

Dentre os principais motivos que levaram os acadêmicos a participarem do projeto, aparecem o interesse pela área, possibilidade de conhecer uma nova área de atuação, interesse pela modalidade, possibilidade de pesquisa, oportunidade de trabalhar com pessoas com deficiência. Dessa forma, é possível observar que o paradesporto e as práticas corporais para pessoas com deficiência despertam interesse dos alunos de Educação Física, estabelecendo uma importante ligação entre teoria e prática.

### **3.2 Contribuições do projeto na formação profissional**

De acordo com a opinião dos acadêmicos, a participação no projeto de extensão auxiliou no conhecimento prático e aprofundamento sobre o esporte paralímpico. Eles destacaram o conhecimento das regras e aspectos específicos do esporte adaptado, além de conhecer um pouco sobre como lidar com o aluno/atleta com deficiência, como pontos importantes na participação no projeto.

Para os entrevistados, é importante ter um conhecimento prático prévio para auxiliar na atuação profissional. Isso corrobora com o estudo de Darido (1995), que encontrou conhecimento prévio e possibilidade de relação com a teoria a partir da prática, como principais resultados. Segundo a autora, vivências práticas devem estar presentes durante todo o processo de formação.

Silva (2008) destaca a fragilidade das escolas em oferecerem esportes para pessoas com deficiência, devido às dúvidas dos professores em aspectos relacionados à sua capacitação profissional, estrutura e possibilidades de práticas corporais para essa população. Para a autora, os profissionais de Educação Física devem utilizar todos os conhecimentos da área para lidar com diferentes personagens em diferentes contextos. Esses conhecimentos puderam ser adquiridos através da participação no projeto de extensão, o contato direto com uma população heterogênea e as relações entre teoria e prática.

Além disso, professores de Educação Física escolar consideram positiva a participação de alunos com deficiência em suas aulas. Porém, os professores, muitas vezes, não se sentem preparados para atender a essa população, podendo causar atitudes que prejudiquem a inclusão desses alunos nas aulas (RODRIGUES, 2003; GORGATTI et al., 2004).

Para os acadêmicos, a participação no projeto de extensão foi importante pela possibilidade de aprofundamento de conteúdos não abordados, ou abordados superficialmente nas disciplinas. Outro ponto destacado foi a possibilidade de um novo

campo de trabalho. Ao conhecer a modalidade, eles passaram a se interessar mais pela área e podem atuar com esporte para pessoas com deficiência futuramente. Também foi mencionado o aprendizado dos fundamentos básicos da modalidade.

De acordo com Betti e Betti (1996), a prática deve estar presente como base nos currículos de Educação Física. Além disso, estabelecer relações entre teoria e prática, entre outras ações, auxiliam na formação de um profissional crítico e autônomo, facilitando que seus futuros alunos também o sejam. Essas características são importantes no trabalho com pessoa com deficiência em diferentes ambientes, onde o profissional consegue adaptar melhor as atividades de modo a qualificar a participação desse aluno.

Relacionando os motivos que tornam essa participação importante, os acadêmicos entrevistados acreditam que um projeto de extensão, como alternativa extracurricular para vivência prática nos cursos de Educação Física, pode ser uma ferramenta interessante. Segundo eles, o projeto de extensão surge como uma nova possibilidade de vivência em um ambiente diferente da sala de aula, podendo ocorrer aprendizados diferentes, aquisição de saberes e ampliação de conhecimentos que serão úteis na atuação profissional.

Segundo Diniz-Pereira (2011), a prática deve estar presente no curso desde o seu início e acompanhar todo o processo de formação profissional. Para o autor, é necessário equilibrar a teoria e prática, além de refletir sobre a teoria a partir da prática, através de *feedbacks*, auxiliando no processo de planejamento e discussões. A partir dessas reflexões é possível preparar a prática pedagógica dos futuros profissionais, para que sua intervenção vá além dos esportes institucionalizados (COSTA; NASCIMENTO, 2006).

Zeichner (2010) aponta uma desconexão entre teoria e campo de atuação e propõe a criação de um espaço híbrido para os cursos de licenciatura, onde haja interseção escola/universidade, conectando teoria e prática e facilitando a transmissão de saberes. No caso específico deste estudo, esse espaço foi o projeto de extensão, onde foi caracterizado um espaço diferente em que é possível conectar aspectos teóricos com a vivência prática.

### **3.3 Especificidades das modalidades**

Os alunos comentaram as especificidades da modalidade trabalhada, com seus pontos positivos e negativos, além da possibilidade de utilizar a modalidade como ferramenta pedagógica em outros ambientes, com outras populações, conforme quadro a seguir.

<b>Modalidade</b>	<b>Pontos positivos</b>	<b>Pontos negativos</b>
Rúgbi em cadeira de rodas	Ferramenta de reabilitação; Inserção na universidade; Fácil compreensão, a partir do entendimento da lógica do jogo; Transferência de conhecimentos para outras modalidades coletivas.	Falta de investimentos; Falta de conhecimento das características específicas da modalidade.
Handebol em cadeira de rodas	Fácil adaptação.	Falta de material específico (cadeiras de rodas, rodas, eixos, pneus).
Esgrima em cadeira de rodas	Modalidade diferente; Integração entre as categorias; Muito espaço para crescimento.	Poucos lugares desenvolvendo a modalidade; Preço dos materiais específicos, pois são importados.
Voleibol sentado	Fácil adaptação; Complexidade dos fundamentos; Visão diferenciada sobre o voleibol; Fácil vivência da modalidade; Cooperação, trabalho em grupo; Aprendizado de todos os fundamentos do voleibol.	Não foram apontados pontos negativos.
Bocha paralímpica	Boa opção de prática para paralisados cerebrais; Jogo atrativo, de fácil compreensão; Jogo inteligente; Fácil adaptação.	Diferença de qualidade e preço entre o material nacional e internacional.

Tabela 2 - Pontos positivos e negativos das modalidades.

Fonte: elaboração própria.

Quanto à possibilidade de levar as modalidades para outros ambientes, com outras populações, como, por exemplo, uma aula de Educação Física Escolar, os alunos foram unânimes em considerar suas modalidades como ferramentas pedagógicas possíveis de trabalhar em diversos ambientes, com diversas populações. Para os acadêmicos, apesar de algumas dificuldades para adaptação dos materiais específicos de algumas modalidades, como cadeiras de rodas, todas as modalidades possuem conteúdos importantes a serem abordados, como aprendizado dos fundamentos específicos dos esportes, conhecimento sobre o esporte paralímpico e as deficiências, além do respeito às diferenças.

No caso do rúgbi em cadeira de rodas, muito dos aspectos táticos, como a transição ofensiva e defensiva “[...] é interessante enxergar isso em outros esportes”. Dessa



forma, pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica diferente para aumentar o conhecimento tático dos alunos em diferentes modalidades coletivas convencionais. O mesmo pode-se aplicar a bocha paralímpica, cujo estímulo ao desenvolvimento cognitivo e à coordenação motora fina, em que “[...] o controle motor, o entendimento sobre o seu corpo, sobre a força que você arremessa a bola [...]” tornam sua prática interessante para o desenvolvimento dos alunos.

A vivência de modalidades paradesportivas também pode auxiliar na aquisição de habilidades motoras específicas de cada modalidade, podendo transferir esse conhecimento adquirido para a modalidade convencional, como no voleibol sentado, handebol em cadeira de rodas e esgrima em cadeira de rodas. Segundo os alunos, o uso dessas modalidades como ferramenta pedagógica, auxilia na aprendizagem de fundamentos das modalidades, através de uma experiência em uma modalidade diferente.

Assim, ao levar o paradesporto para outros ambientes, podem ser trabalhadas atividades que proporcionam vivências motoras diferenciadas, auxiliando no desenvolvimento do aluno, além de inserir aspectos referentes à inclusão e respeito às diferenças (MUNSTER et al., 2008).

A participação no projeto de extensão mudou a visão dos alunos sobre o esporte paralímpico. Nas suas respostas eles destacam aspectos referentes ao respeito à pessoa com deficiência, conhecimento da complexidade de modalidade paradesportivas e maior interesse em obter informações sobre o esporte paralímpico, como, por exemplo, resultados das Seleções Brasileiras em competições internacionais.

#### **4 Considerações finais**

O esporte paralímpico necessita de maior espaço nos cursos de Educação Física para que os alunos possam lidar melhor com esse assunto. A partir da prática é possível refletir sobre a teoria, tornando o profissional autônomo, com uma prática pedagógica adequada para qualquer população.

Ainda existe um pequeno número de disciplinas específicas para esse conteúdo, portanto, muitas vezes, não há tempo para discutir e refletir sobre todas as suas possibilidades e vivenciar as modalidades de maneira adequada. Nesse cenário, os projetos de extensão podem ser uma alternativa interessante para aprofundamento de conteúdos abordados superficialmente nas disciplinas, através da vivência prática e contato com a comunidade.

No caso específico deste estudo, as modalidades trabalhadas mostraram-se ferramentas pedagógicas interessantes e, apesar de algumas vezes serem de difícil a obtenção do material específico, sua adaptação pode ser realizada de maneira satisfatória

e a complexidade motora de sua prática possibilita serem trabalhadas em diversos ambientes. Portanto, cabe ao professor de Educação Física escolher o melhor momento para aplicar esse conteúdo, de acordo com os objetivos.

É inegável o valor que a experiência em projetos de extensão promove aos estudantes de Educação Física. Entretanto, este estudo focou apenas a experiência da Faculdade de Educação Física da Unicamp, onde as atividades ocorrem dentro da universidade. Sugere-se, para novas pesquisas, investigar diferentes ambientes, como estágios supervisionados, ou locais de prática em parceria com universidades, para que outras realidades que poderão influenciar a prática desses acadêmicos possam ser analisadas.

## Referências

- ARROYO, D.M.P.; ROCHA, M.S.P.M.L. Meta-avaliação de uma extensão universitária: um estudo de caso. *Avaliação*, v.15, n.2, p.135-161, 2010.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BETTI, I.C.R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. *Motriz*, v.2, n.1, p.10-15, 1996.
- COSTA, L.C.A.; NASCIMENTO, J.V. Prática pedagógica de professores de educação física: conteúdos e abordagens pedagógicas. *Revista da Educação Física*, v.17, n.2, p.161-167, 2006.
- DARIDO, S.C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em educação física. *Motriz*, v.1, n.2, p.124-128, 1995.
- FONSECA, M.C.F.R. et al. O significado de um projeto de extensão universitária na formação inicial de educadores de jovens e adultos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., Caxambu, 2000. *Anais... Anped*, 2000, p.1-16.
- GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GORGATTI, M.G. et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v.12, n.2, p.63-68, 2004.
- MARCON, D.; NASCIMENTO, J.V.; GRAÇA, A.B.S. A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, v.21, n.1, p.11-25, 2007.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MUNSTER, M.A. et al. Goalball: uma proposta inclusiva. In: ALMEIDA, J.J.G. et al. *Goalball: invertendo o jogo da inclusão*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- DINIZ-PEREIRA, J.E. A prática curricular como componente na formação de professores. *Educação*, Santa Maria, v.36, n.2, p.203-218, 2011.

RIBEIRO, S.M.; ARAÚJO, P.F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. 25, n.3, p.57-69. 2004.

RODRIGUES, D. A educação física perante à educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. *Revista da Educação Física*, v.14, n.1, p.67-73, 2003.

SILVA, A.J. *Esporte educacional e deficiência: encontros esportivos no contexto escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Educação*, v.35, n.3, p.479-504, 2010.

### Notas sobre os autores

Luís Gustavo de Souza Pena - [pena\\_fef06@yahoo.com.br](mailto:pena_fef06@yahoo.com.br)

Doutorando em Atividade Física Adaptada – Unicamp. [pena\\_fef06@yahoo.com.br](mailto:pena_fef06@yahoo.com.br)

Tiago Borgmann - [tiagoborgmann@hotmail.com](mailto:tiagoborgmann@hotmail.com)

Doutorando em Atividade Física Adaptada – Unicamp. [tiagoborgmann@hotmail.com](mailto:tiagoborgmann@hotmail.com)

José Júlio Gavião de Almeida - [gaviao@fef.com.br](mailto:gaviao@fef.com.br)

Professor titular da Faculdade de Educação Física – Unicamp. [gaviao@fef.com.br](mailto:gaviao@fef.com.br)

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil

Artigo oriundo da dissertação de mestrado de Luís Gustavo de Souza Pena intitulada “O esporte paralímpico na formação do profissional em Educação Física: percepção de professores e acadêmicos”.

Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O estudo obedeceu aos requisitos da Resolução CNS 196/96 referente à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, sob o parecer 909/2011.

Recebido em: 29/04/2017

Reformulado em: 27/10/2017

Aceito em: 27/10/2017

